

## O CONCEITO DE PARRESÍA A PARTIR DA CONFERÊNCIA REALIZADA POR MICHEL FOUCAULT EM GRENOBLE, EM 1982

Tássio Acosta<sup>1</sup>

Sílvio Gallo<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa o conceito de parresía a partir da conferência proferida por Michel Foucault, em maio de 1982, na Universidade de Grenoble. Suas análises partem dos escritos de Epicuro, Cínicos e Estoicos, mostrando-nos como a ideia de parresía foi se adaptando ao longo da sociedade clássica, de um falar franco, um falar verdadeiro, à problemática do adulator. Por fim, suas análises nos fornecem subsídios para a percepção da presença da parresía na psicologia, no cristianismo e nas instituições monásticas e em que medida houve atualização destes rituais confessionais ao longo dos séculos.

**Palavras-chave:** Parresía, Michel Foucault, Confissão, Cristianismo.

## EL CONCEPTO DE PARRÉSIA DE LA CONFERENCIA DE MICHEL FOUCAULT EN GRENOBLE, EN 1982

**Resumen:** Este artículo analiza el concepto de parresia a partir de la conferencia impartida por Michel Foucault, en mayo de 1982, en la Universidad de Grenoble. Sus análisis se basan en los escritos de Epicuro, Cínicos y Estoicos, mostrándonos cómo la idea de parresía se ha ido adaptando a lo largo de la sociedad clásica, desde un franco, hasta un sincero, al problema del adulator. Finalmente, sus análisis subvencionan la percepción de la presencia de la parresía en la psicología, el cristianismo y las instituciones monásticas y en que medida estos rituales confessionales se han ido actualizando a lo largo de los siglos.

**Palabras clave:** Parresia, Michel Foucault, Confesión, Cristianismo.

### Introdução

Em maio de 1982, após o encerramento de seu curso no *Collège de France*, Michel Foucault visitou a Universidade de Grenoble, no sudeste da França, a convite de seu colega Henri Joly, especialista em filosofia clássica. Na ocasião, proferiu uma conferência intitulada “A parresía”.

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Santa Cecília. Doutorando (Unicamp) e Mestrado em Educação (UFSCar). Graduação em História e Pedagogia E-mail: tassioacosta@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Filosofia e História da Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil. Doutorado e Mestrado em Educação (Unicamp). Graduação em Filosofia E-mail: gallo@unicamp.br

O interesse por este convite se deu por três grandes motivos: i) a proximidade existente entre Joly e Foucault; ii) o olhar aos gregos realizado por Foucault e iii) o domínio da filosofia clássica por Joly.

Inicialmente pensada para que não houvesse ampla divulgação, o que foi demandado por Foucault por estar interessado em um público restrito, de modo a possibilitar um melhor debate pós-conferência, espantou-se o filósofo ao se deparar com um anfiteatro com mais de cem pessoas para assisti-lo (FRUCHAUD; BERT, 2012, p. 150), tornando sua conferência em mais um espetáculo, tal qual era nos cursos ministrados no *Collège de France*. Seu incômodo com este tipo de evento-espetáculo dava-se pela dificuldade, ou até mesmo inexistência, da troca do saber, das dúvidas, do debate, ao fim da fala, uma vez que o elevado número de pessoas dificultava uma melhor organização. Ainda assim, ao final de sua fala, um diminuto debate ocorreu e foi registrado em seu texto – embora sem muita inteligibilidade por problemas no gravador, conforme atestado na publicação do texto transcrito.

Esta conferência foi publicada pela primeira vez na França em 2012, no número 16 da revista *Anabase*, sendo publicada em livro, na coleção “*Philosophie du présent*” da editora Vrin, em 2016, acompanhado de um ciclo de conferências apresentadas na Universidade de Berkeley (EUA) em outubro e novembro de 1983, sob o título *Discours et vérité*<sup>3</sup> (*Discurso e verdade*), nas quais também é analisada a temática da parresía. Não há ainda a publicação da tradução deste texto em português. Neste artigo, trabalharemos com a versão espanhola, sistematizada e organizada pelo crítico foucaultiano Jorge Álvarez Yágüez e publicada em Madrid pela Biblioteca Nova, em 2017, visto que há ali uma longa introdução, referenciando o tema da parresía em Foucault. Yágüez dedicou-se à coleta de fontes diversas, como entrevistas e conferências, para conseguir sistematizar a introdução do livro para melhor contextualização da palestra.

De acordo com Yágüez (2017, p. 94), em sua longa introdução a esta obra, “el tema se enmarca en el proyecto de fondo de la investigación foucaultiana de las relaciones entre subjetividad, o si se quiere, subjetivación y veridicción”, ou seja, a problemática presente em maior ou menor grau em seus últimos cursos, A

---

<sup>3</sup> FOUCAULT, M. *Discours et vérité précédé de la parrêsia*. Paris: Vrin, 2016.

*Hermenêutica do Sujeito* (1982), *O governo de si e dos outros* (1983), e *A coragem da verdade* (1984)<sup>4</sup> além do ciclo de conferências ministradas no final do ano seguinte, na Universidade de Berkeley<sup>5</sup>.

### **A parresía: seu lugar e percurso na análise foucaultiana**

É lugar comum afirmar que Foucault dedicou-se a três grandes problemas da filosofia, tratados em sua obra de forma transversal uns aos outros: o saber; o poder; o sujeito. Em diferentes momentos, cada um destes temas ganhou destaque, mas nunca deixando de lado os demais. Em termos de metodologia de investigação, o filósofo quis deslocar-se das análises centradas na noção marxista de “ideologia dominante”, predominante na cena intelectual francesa na década de 1960. Propôs uma substituição deste esquema analítico pelas relações saber-poder, dando primeiramente ênfase ao saber, depois ao poder, por entender que assim poderia tratar questões muito complexas sem o reducionismo produzido pelas análises ideológicas. Com o tempo, foi percebendo que mesmo este esquema não dava conta de certos aspectos, de modo que propôs um novo deslocamento, agora das relações saber-poder para a perspectiva analítica do governo dos homens pela verdade.

Se acompanharmos a trajetória das pesquisas de Foucault através dos cursos que ofereceu no *Collège de France*, nos quais comunicava anualmente o andamento de seu trabalho, notamos que o tema da verdade está presente já no primeiro deles, trabalhado entre dezembro de 1970 e março de 1971, publicado depois como *Aulas sobre a vontade saber*. É central neste curso a análise da desimplicação entre o conhecimento e a verdade no pensamento grego arcaico. Nos cursos seguintes as relações entre saber, verdade e poder vão sendo focadas de diferentes modos. No curso de 1979, *O nascimento da biopolítica*, aparece com força a noção de práticas e regimes de verdade em relação com a governamentalidade, estudada sob a forma do neoliberalismo.

Mas, foi no curso de 1980, *Do governo dos vivos*, que Foucault sistematizou o novo deslocamento analítico em sua obra, anunciando já na primeira aula, em 09 de

<sup>4</sup> Os três cursos citados foram publicados em livro e estão traduzidos no Brasil.

<sup>5</sup> Disponível em <https://guides.lib.berkeley.edu/c.php?g=901488&p=6487003> acesso 18 abr. 2021.

janeiro, que o projeto do curso daquele ano seria “elaborar a noção de governo dos homens pela verdade” (2014b, p. 12). Neste novo esquema analítico, a noção de poder é substituída pela noção de governo (da qual ele havia tratado nos cursos anteriores) e a noção de saber é substituída pela de verdade. O tema estudado neste curso é paradigmático para a compreensão de como os seres humanos são governados pela verdade, constituindo-se assim como sujeitos, construindo sua subjetividade: a confissão praticada no cristianismo primitivo como técnica de si. Na confissão, é preciso ser capaz de *dizer a verdade*; a analítica de Foucault mostra que o cristianismo em suas origens não necessariamente criou novas técnicas e práticas, ele se apropriou de técnicas de si praticadas desde a antiguidade greco-romana, reconfigurando-as segundo seus propósitos. Eis aí a origem do interesse de Foucault pela *parresía*, o dizer verdadeiro, da forma como foi explorado pelos antigos gregos e romanos, que ele investigaria nos anos seguintes.

O curso de 1981, *Subjetividade e verdade*, foi centrado na análise das técnicas de si em torno das práticas sexuais, os *aphrodisia*, tal como tratados pelos gregos e pelos romanos, de modo a compreender como o cristianismo os reconfigurou, sobretudo a questão da vivência da sexualidade segundo os códigos de conduta impostos pelo matrimônio. A *parresía* não aparece neste curso. Mas, no mesmo ano, entre abril e maio, após o curso em Paris, Foucault trabalhou na Universidade Católica de Louvain um curso dirigido a juristas e criminologistas que estavam tratando da revisão do Código Penal da Bélgica, sob o título: *Malfazer, dizer verdadeiro*. Todo o curso é atravessado pelas aproximações e distinções entre “dizer verdadeiro” e “dizer a verdade”, tendo por centralidade as técnicas jurídicas de confissão. É interessante perceber neste curso a articulação dos vários temas que vinham sendo estudados por Foucault desde o início dos anos 1970 e como eles foram se reconfigurando, apontando para seus estudos sobre os processos de subjetivação nos anos 1980.

Em 1982, no curso *A hermenêutica do sujeito*, Foucault dedica-se a um intenso estudo sobre o cuidado de si como técnica de vida. Neste contexto, aparece a prática da veridicção e seus efeitos na subjetivação na aula de 10 de fevereiro, quando trata de Epicuro e de filósofos epicuristas, sendo retomada diversas vezes nas aulas seguintes, mas sem centralidade na análise. Nas aulas de 03 e de 10 de março é que

o tema é trabalhado de forma direta, através de textos de Filodemo, de Galeno e de Sêneca. O centro da análise recai sobre a importância do dizer verdadeiro na relação do mestre com o discípulo, na diferenciação entre *parresía* e lisonja.

É nos cursos de 1983 (*O governo de si e dos outros*) e 1984 (*A coragem da verdade*) que a *parresía* terá centralidade na análise de Foucault. No primeiro deles, o estudo a explora como fenômeno político. O filósofo começa estudando o texto de Kant sobre o Esclarecimento, de modo a pensar a filosofia como interrogação sobre o presente, mostrando que o estudo da veridicção no contexto da cultura de si na antiguidade greco-romana é também uma forma de interrogar-se sobre o presente, colocando-se politicamente. Retoma então o texto de Galeno, já explorado no ano anterior, para em seguida exemplificar os riscos políticos do dizer verdadeiro com o episódio do conflito entre Platão e Dionísio, tirano de Siracusa, que acaba por vender o filósofo como escravo, por ter ousado dizer-lhe a verdade.

A *parresía* é diferenciada do enunciado performativo, uma vez que o que a caracteriza é um colocar-se em risco por dizer a verdade. Trata-se sempre, pois, de alguém em posição subalterna que coloca a vida em risco por dizer a verdade para alguém em posição superior, como o caso de Platão, estrangeiro na cidade de Siracusa, que ousa dizer a verdade para seu governante. Foucault (2010b, p. 45) a caracteriza como uma “noção aranha”, uma vez que ela se estende por vários domínios, como uma teia, com sentidos variados. É uma noção pouco estudada, com parca bibliografia a respeito, por isso ele se dedica a buscar os textos gregos antigos nos quais essa noção aparece, de modo a ir construindo sua trama de sentidos.

O curso de 1983 é dedicado ao estudo da *parresía* na tragédia grega, especialmente em *Íon*, de Eurípedes. São retomados outros textos da época, bem como discursos políticos de Tucídides, Péricles, Isócrates, Plutarco, dentre outros. Foucault chega então aos textos de Platão e põe-se a examinar as referências à *parresía* em suas cartas, em especial a V e a VII, passando em seguida aos diálogos *Apologia de Sócrates*, *Fedro* e *Górgias*. O que o filósofo examina nestes diálogos platônicos é uma transição de uma *parresía* política para uma *parresía* filosófica.

Em 1984 Foucault trabalharia seu último curso do *Collège de France*; a última aula foi em 28 de março e poucos meses depois, em 25 de junho, ele faleceria. Neste

curso ele anuncia sua intenção de construir uma “genealogia da *parresía*”, passando em revista este conceito e suas diferentes manifestações, desde suas emergências na antiguidade até nossos dias. Retoma a diferenciação entre *parresía* e retórica, tratando-a como uma modalidade específica da fala franca, do dizer a verdade, dando centralidade para a *parresía* filosófica, introduzida nas aulas finais do curso anterior.

Nestas aulas estuda a vida filosófica como “verdadeira vida”, analisando especificamente as posturas e discursos de Sócrates nos diálogos de Platão e os filósofos cínicos, que fizeram da *parresía* seu próprio modo de vida, dizendo a verdade à cidade através de seus atos. A *parresía* se converte, assim, no exercício de uma vida não dissimulada, de uma vida que nada tem a esconder de ninguém. Com a filosofia cínica, temos a reversão do tema da “outra vida”, a vida após a morte, que Sócrates introduz a seus discípulos pouco antes de morrer, em uma “vida outra”, isto é, o exercício de uma outra forma de vida, uma vida verdadeira, aqui e agora.

O curso de 1984 é encerrado com a introdução de um estudo da *parresía* nos primeiros textos do cristianismo primitivo, como o Novo Testamento e escritos dos Padres da Igreja, mostrando também a emergência de um polo “antiparresiástico”, que toma o conhecimento como desconfiança de si mesmo e a experimentação da verdade da vida e do dizer verdadeiro como condição de acesso a um mundo outro, à salvação da alma. Como se sabe, este percurso, que retomava as explorações do curso de 1980, foi interrompido pela morte precoce de Foucault.

A trajetória de pesquisa aqui exposta nos mostra a importância da conferência que analisaremos em seguida. Em 1981 Foucault havia explorado o tema do dizer verdadeiro no curso em *Louvain*; em 1982, passa pelo tema da *parresía* em seu curso no *Collège de France*, mas sem desenvolvê-lo, visto que o tema era o cuidado de si; pouco depois de concluir este curso no final de março, em 18 de maio realiza a conferência em Grenoble, para um conjunto de especialistas em filosofia antiga. O interesse de Foucault é claro: confrontar suas pesquisas com os saberes especializados destes estudiosos da filosofia antiga. Ele quer compreender por que o tema da *parresía* não foi evidenciado pelos estudos clássicos.

Como veremos, Foucault apresenta para essa plateia seus primeiros estudos sobre o tema, desdobrando-os do tema do cuidado de si, explorando textos gregos e

romanos que trataram do dizer verdadeiro em seus múltiplos aspectos. Podemos considerar esta conferência como uma primeira exploração técnica do assunto, que seria logo em seguida desenvolvida em uma série de seis conferências e um seminário sobre o tema “Dizer a verdade sobre si mesmo”, realizados na Universidade de Toronto, Canadá, entre 31 de maio e 26 de junho de 1982<sup>6</sup>. Destas primeiras explorações seriam desdobrados os estudos em seus cursos de 1983 e 1984, bem como nos seminários de Berkeley de 1983. Com a conferência de Grenoble estamos, então, nos primeiros esforços sistemáticos de Foucault para estudar o fenômeno da *parresía*, daí o interesse que nos desperta.

### **A parresía: exploração na conferência de Grenoble**

A importância da parresía para Foucault está no fato de ser um processo no qual o sujeito passa a olhar para si, em como o sujeito se constitui a partir de suas relações. Seu interesse pela temática se deu porque no ‘comienzo del siglo XIX, se ve la obligación de decir la verdad sobre sí mismo insertarse en el interior del gran ritual d la psiquiatría’ (FOUCAULT, 2017, p. 120), sendo uma prática não presente no sistema jurídico, mas sim no sistema penal e na problemática concerne à sexualidade.

Esta manifestação de si assemelha-se a um ritual de penitência, uma dramatização que ocorre por meio de uma série de elementos para a constituição do sujeito, aquilo que Foucault pontua como *εξομολόγησις* (do grego, exomologesis), uma confissão. Prática confessional esta presente em seus últimos estudos sobre a constituição do sujeito, o cristianismo e, por fim, no quarto e último volume da história da sexualidade.

Após uma breve contextualização dos motivos de seus interesses nestes estudos, Foucault nos lembra que na filosofia greco-romana “la parrêsia no es una obligación impuesta al discípulo, es una obligación, por el contrario, impuesta al maestro” (FOUCAULT, 2017, p. 123). Ao contrário do cristianismo em que “en la espiritualidad cristiana, el discípulo será aquel que tendrá que hablar” (FOUCAULT, 2017, p. 124). Esta diferença presente nas culturas cristãs e greco-romanas serviram

---

<sup>6</sup> Os textos destas conferências e seminários estão publicados em francês: *Dire vrai sur soi-même*, Michel Foucault, Paris: Vrin, 2017.

de ponto de partida para Foucault melhor analisar a constituição da subjetividade nos sujeitos perante uma ética de si, uma constituição de si por meio de práticas diversas de subjetivação.

O conceito foi inicialmente encontrado por Foucault num texto do filósofo e historiador grego Políbio sobre os áqueos, em que dizia que o regime que os caracterizava era estruturado a partir da tríade “la dêmokratía, la isêgoría y la parrêsía” (FOUCAULT, 2017, p. 125). Ao imergir nos estudos parresiásticos, o filósofo francês executa outros movimentos cirúrgicos em quatro passagens de Eurípedes: i) o primeiro texto em *Ión*, nos versos 669-675, em que se destaca que o “lá parrêsía es un derecho, es un derecho que está ligado a la ciudadanía [...] y este derecho de hablar si tiene por nacimiento” (FOUCAULT, 2017, p. 126); ii) o segundo texto em *Hipólito*, versos 421 em diante, “la parrêsía, que es el derecho del ciudadano, se encuentra mancillada por las faltas, incluso las faltas secretas, que son cometidas por el padre o la madre” e, se seus país/mães cometem uma falta, um erro, “los hijos están en la situación del esclavo, y estando en la situación del esclavo, no tienen la parrêsía. La mancha moral priva de la parrêsía” (FOUCAULT, 2017, p. 127); iii) presente em *As fenícias*, versos 387 em diante, aborda as dificuldades de uma pessoa que vive em exílio e nos mostra como o direito à parresía está intimamente ligado à cidadania pois “cuando se habita su propia ciudad, se puede hablar: cuando no se está en su ciudad, no se tiene la parrêsía” (FOUCAULT, 2017, p. 128) e, por fim; iv) faz-se presente em *As Bacantes*, versos 668 em diante, quando um mensageiro tem uma importante mensagem à dar e requer o direito à parresía “y tiene miedo de transmitirla y pregunta de algún modo si puede beneficiarse de lá parrêsía, es decir, si puede hablar libremente” (FOUCAULT, 2017, p. 128), sendo permitido o direito de falar franco sem riscos à sua vida.

Esta última passagem presente em *As Bacantes* é de grande importância por nos mostrar que apenas os cidadãos tinham direito à parresía e, quando se fazia necessário o seu uso por um não cidadão, este ficava apreensivo pelas possíveis consequências, sendo necessária a promessa de não ser castigado em virtude das notícias a serem dadas.

Foucault pontua muito rapidamente, a partir dos escritos de Eurípedes, a presença da *parresía* na cultura clássica, pois se entendia “la *parrêsía* como ejercicio del derecho político” (FOUCAULT, 2017, p. 129). Logo em seguida dedica-se aos estudos da obra de Platão e destaca dois textos, são eles: i) a República, livro VIII, 557b, já que “la *parrêsía* aparece ahí, pues, como uno de los rasgos de esta ciudad democrática” (FOUCAULT, 2017, p. 130); ii) as Leis, livro III, quando analisa a relação entre os soldados e seus superiores que “podían discutir con los jefes, lo que les proporcionaba audacia en el combate y también amistad para con los jefes. Por otra parte, el rey mismo autorizaba en el torno a él a los que eran competentes para emplear su hablar-franco, a tener la *parrêsía*” (FOUCAULT, 2017, p. 131). A *parresía*, portanto, apresenta-se não como um direito universal a todos os cidadãos, mas apenas àqueles autorizados pelo rei, pela autoridade.

Esta permissão dada pelo rei para que os soldados tivessem o direito ao falar-franco fez-se presente também em *Níocles*, de Isócrates, pois, “lo que asegura la calidad de un buen gobierno monárquico, es dejar en torno al monarca, en fin, es que el monarca deje en torno a él un espacio de libertad que los demás podrían hablar y darle consejos prudentes” (FOUCAULT, 2017, p. 131). Portanto, já podemos perceber durante este início de texto dois usos para a noção de *parresía*. Enquanto em Políbio, o filósofo francês Michel Foucault nos mostrou que este direito se dava apenas para os cidadãos, em Platão destacou a *parresía* como característica de sua cidade democrática. Estas duas formulações de *parresía* perpassam diretamente pela constituição de si: “cuando un alma quiere ocuparse de sí misma, cuando quiere asegurarse esta *epimeleia heautou* que es fundamental, cuando quiere *therapeuesthai*, cuidase de sí misma, necesita de otra alma, y esta otra alma debe tener la *parrêsía*” (FOUCAULT, 2017, p. 134).

Estes dois usos da *parresía* não são os únicos destacados por Foucault ao longo de sua conferência. Interessado em analisar outras formas de seus usos, recorre aos textos de Quintiliano, mais precisamente no livro IX, capítulo 2, sobre as figuras de pensamentos, em que Quintiliano “concede un lugar a una figura de pensamiento que es una no-figura, que es la figura cero, aquella que hace crecer la emoción del oyente sin ser *ad simulata* y sin ser *arte composita*” (FOUCAULT, 2017,

p. 135), ou seja, uma figura de pensamento que não seja nem falsa e nem simulada, uma “*oratio liberta* [...] que Quintiliano dice que los griegos la llaman parrêsia y que Cornificio la llama licencia” (FOUCAULT, 2017, p. 135). Mostra-nos como a noção de parresía já circulava amplamente no período clássico e que ela ia se atualizando de acordo com o contexto em que se fazia presente.

Justamente por esta capacidade de mudança e adaptação de seus usos, pôde-se perceber a sua utilização no pensamento político a partir do discurso de *Nícocles* uma vez que “la parrêsia [...] no está ligada evidentemente a la *isêgoría* o a la *dêmokratía*, está ligada, por el contrario, a un poder personal y a una fortísima estructura desigualitaria” (FOUCAULT, 2017, p. 135), por não ser um direito universal, mas sim “una liberdatad, una libertad acordada y concedida por el soberano o en otros casos por el rico, el poderoso” (FOUCAULT, 2017, p. 136). Logo, a parresía é uma liberdade dada pelo soberano que acaba por derivar uma outra, a parresía política, que está na mesma direção da parresía inicial, esta outra enquanto direção de consciência. Complementam-se.

Será justamente nesta parresía enquanto direção de consciência que Foucault se deterá para analisar se “la cuestión de saber si la parrêsia debe ser considerada como una virtud, como una técnica, o si no habría que considerarla como un modo de vida” (FOUCAULT, 2017, p. 138). Em sua longa explicação, Foucault nos diz momentaneamente acreditar ser a Parresía uma técnica, uma técnica minunciosamente produzida em discursos para uma prática do cuidado de si.

Para sustentar a sua ideia de que a parresía é uma técnica, Foucault retorna aos textos das *Dissertações*, de Epicteto, por compreendê-los “hilo conductor para estudiar esta noción de parrêsia” (FOUCAULT, 2017, p. 139). Nele, Arriano afirma que optou pela publicação das *Dissertações* de Epicteto “porque estaban circulando versiones defectuosas: quiero, dice, publicar estas Disertaciones a fin de dar a conocer la *dianoia* y la *parrêsia*” (FOUCAULT, 2017, p. 140). Enquanto *dianoia* vem a ser a forma como o pensamento é estruturado no sujeito, a parresía vem a ser a sua enunciação, a discursividade do pensamento, sendo, portanto, indissociáveis.

Esta nova noção de parresía produz uma ruptura para com as noções anteriormente trabalhadas uma vez que “la parrêsia, es una acción, es tal en cuanto

que actúa, que permite al discurso actuar directamente sobre las almas” (FOUCAULT, 2017, p. 142). Ainda para Foucault, “la parrêsía, en la medida misma en que es esta acción directa sobre las almas, transmite la *dianoia* misma por una especie de acoplamiento o de transparencia entre el discurso y el movimiento del pensamiento” (FOUCAULT, 2017, p.142). Intenta-se fazer seu uso como uma promoção de uma ética da consciência, como um viver corretamente.

Dedicado a esmiuçar ainda mais os usos da parresía na sociedade clássica, Foucault nos traz um texto de Galeno presente nos *Tratados sobre a cura das paixões*. “En ese texto, Galeno, en efecto, plantea, por un lado, que no se puede llegar a ser un hombre debien, un hombre cabal (*teleios anêr*) si uno no vela sobre sí mismo (*sautôi pronouomenos*)” (FOUCAULT, 2017, p. 143), sendo necessário, ao longo de sua vida, o olhar para si, o cuidado de si. Logo, a parresía, enquanto uma direção da consciência, está intimamente ligada à noção de *askêsis*. Neste ponto, Foucault destaca o seu interesse em estudar a parresía “no como virtud, ni simplemente como técnica, pero tampoco como modo de vida” (FOUCAULT, 2017, p. 144), mas sim como uma prática do cuidado de si.

Para um bom desenvolvimento da parresía há de se evitar a adulação, visto que “la parrêsía es lo inverso de la adulación, y que la adulación es lo complementario de la cólera” (FOUCAULT, 2017, p. 145). Esta raiva enquanto completude da adulação, na ética antiga, não é uma intriga de uma pessoa para com outra ou alguma coisa, mas sim “la cólera es siempre el arrebató del que tiene más poder y que se encuentra en situación de ejércelo más allá de los límites razonables y moralmente aceptables” (FOUCAULT, 2017, p. 145). Portanto, “tenemos un conjunto bastante complejo con la cólera, cuyo opuesto es la clemencia; lo complementario de la cólera es la adulación; y lo opuesto a la adulación es la parrêsía: cólera y clemencia, adulación y parresía” (FOUCAULT, 2017, p. 145).

A parresía necessita combater a adulação para que o falar-franco, o falar-verdadeiro se faça presente sem que a raiva se mostre mais presente em sua prática. “La cólera es un comportamiento que apela a la adulación y la clemencia es, por parte del que ejerce el poder, un comportamiento razonable que deja abierto el espacio de la parrêsía” (FOUCAULT, 2017, p. 145), movendo-nos à compreensão de como o

tratado de Plutarco torna-se de grande importância para a análise da parresía e como ela mesma, a parresía, permite que conheçamos a nós mesmos.

### **Desdobramentos da parresía**

Sendo a parresía não uma técnica, mas sim uma prática do cuidado de si, Foucault produz um deslocamento conceitual para analisar sua presença na psicologia, sobretudo ao partir do entendimento de que

*parrêsía* de la que se sirve el *physiologos* se refiere a esta función: aquel que, conociendo cuál es la naturaleza de las cosas, conociendo lo que es la *physis*, puede ser el parresiasta que vá disipar las ilusiones, hacer callar los temores, eliminar las quimeras y decir al hombre no que verdaderamente es (FOUCAULT, 2017, p. 148).

Para melhor inserir a questão da psicologia e parresía, Foucault provoca-nos: “Por qué la parrêsía necesita de esta forma, que nos es ni la de la retórica, ni la de la argumentación filosófica, ni la de la diatriba?” (FOUCAULT, 2017, p. 149), e responde a si mesmo: “es que la parrêsía, si quiere actuar sobre las almas, tiene por punto de enganche esencialmente el *kairós*, es decir, la ocasión” (FOUCAULT, 2017, p. 149), aproveitar um determinado momento para fazer valer o falar-franco.

Nesta medida,

la parrêsía es precisamente la manera en la que el que dirige la conciencia de otro debe aprovechar el buen momento para hablarle como se debe, manteniéndose, en consecuencia, libre tanto de las necesidades de la argumentación filosófica como de las formas obligadas de la retórica y de las ínfulas de la diatriba (FOUCAULT, 2017, p. 151).

Vale destacar que para haver a ocorrência da parresía, do falar-verdadeiro, há de se ter aquele interessado em promover a sua escuta. Não surpreendente, nesta imbricação entre o falar e o escutar, “la parrêsía va, pues, a desarrollarse por emisión de signos en un sentido y en el otro, del lado del discípulo, del lado del maestro” (FOUCAULT, 2017, p. 155). Ao mesmo tempo, não é qualquer um que tem a condição e a qualidade de ser um parresiasta, mas sim aquele autorizado para tal. Logo, há a necessidade assim de se atentar caso uma pessoa que procura por um parresiasta possa estar de frente a um adulator.

Ao retomar a Plutarco, para melhor analisar as diferenças entre o parresiasta e o adulator, Foucault pontua três questões importantes: i) “es preciso, pues, que

haya una similitud entre a del sujeto que busca al parresiasta y la del parresiasta mismo. Es preciso que haya este acuerdo fundamental de la *proairesis*” (FOUCAULT, 2017, p. 157); ii) “es preciso que el parresiasta se complazca siempre en las mismas cosas y apruebe siempre las mismas cosas” (FOUCAULT, 2017, p. 158) e, por fim; iii) a necessidade de que “dirija su vida hacia un solo y mismo paradigma, hacia un solo y mismo esquema de vida” (FOUCAULT, 2017, p. 158). Estes três elementos são cruciais para que, aquele necessitado de um parresiasta, saiba distingui-lo de um adulator.

Afinal,

el adulator no tiene nada de fijo y sólido, no tiene nada propriamente suyo, no ama, no odia, no se alegra, ni se entristece nunca *oikeiô pathei* (por su próprio *pathos*). El verdadero parresiasta será, por el contrario, aquel que tenga un *oikeiou* pathos y que, teniendo una regla de vida idéntica, teniendo siempre el mismo *bíos*, teniendo siempre el mismo *lógos*, teniendo siempre la misma *biotê*, la misma dieta, el mismo régimen, podrá servir de punto fijo a aqul que precisamente busca una y busca en el parresiasta aquel que podrá ayudarle a formar la unidad de su existencia (FOUCAULT, 2017, p. 159).

A necessidade de que o parresiasta tenha apenas um único estilo de vida se dá para que ele possa cumprir com o seu objetivo do falar-franco, “es la propia forma de vida hecha manifiesta, presente, sensible y activa como modelo en el discurso que mantiene.” (FOUCAULT, 2017, p. 160). Portanto, não há mais dúvidas de que a parresía não é sinônimo de adutores e sequer faz uso da retórica para a exposição de seu falar-verdadeiro. A parresía é uma prática de si com potência para provocar subjetivações outras naqueles interessados por ela – ou, mais precisamente, por ele, pelo parresiasta.

Foucault começa a caminhar para o fim de sua conferência trazendo um último elemento que acredita ser importante para a conclusão de suas ideias, a da importância da *hypomnêmata*. Para o filósofo, há parresía quando “aquele que es el maestro, aquel al que se ha confiado la dirección del alma de uno, aquel que dice lo que piensa con una transparencia tan grande que ninguna forma de retorica le hace pantalla” (FOUCAULT, 2017, p. 162). O parresiasta não dirá o que pensa a partir de um certo ‘achismo’, mas sim qual a melhor escolha a seu ver, sua “*proairesis*” (2017, p. 162), a partir de uma ética de vida condizente com aquilo que se fala.

A implicação entre o falar-franco e o modo de vida parresiasta se faz necessária porque, para que alguém tenha o direito ao falar-verdadeiro, há de se ter um alinhamento perante sua própria vida, numa prática de si derivando uma ética de si. Esta implicação se dará de uma maneira muito específica.

Hay una parrésia que es, de alguna manera, una apertura reciproca de los dos participantes cuando el que habla del otro se implica en lo que dice, no simplemente para afirmar que es exactamente conforme a la verdad de lo que dice, sino que también él se esfuerza por llegar a ello. (FOUCAULT, 2017, p. 163).

Ainda de acordo com o próprio Foucault (2017, p. 163), esta relação entre o parresiasta e aquele a que está a ouvi-lo se faz perceptível nas cartas de Séneca, principalmente no livro IV, das questões naturais, quando Séneca diz à Lucilio que ambos andarão juntos e Séneca buscará o melhor caminho para Lucilio. Esta reciprocidade entre os envolvidos é necessária para que a parrésia se faça central em suas relações, conforme poderemos ver forte influência na prática do cristianismo moderno. A prática da confissão.

Por fim, esse intercambiamento entre as duas almas interessadas na construção desta relação parresiástica, “donde la parrésia será, precisamente, la implicación del que habla en lo que dice, pero del lado del discípulo, es decir, del lado del que es imperfecto, del lado del que peca, del lado del que intenta avanzar y mejorar; ese es el que tendrá que hablar” (FOUCAULT, 2017, p. 163), acaba por gerar bases para a constituição e consequente consolidação do cristianismo e das instituições monásticas presentes até os tempos atuais. Afinal, a confissão só se dará a partir da autorização do religioso, do analista, do advogado, daquele que detém o poder para a sua efetiva realização.

## Referências

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, M. **Aulas sobre a vontade de saber**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014a.

FOUCAULT, M. **Do governo dos vivos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014b.

FOUCAULT, M. **Subjetividade e verdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, M. **Malfazer, dizer verdadeiro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

FOUCAULT, M. **La parrêsia**. Trad. Jorge Á. Yágüez. Madrid: Biblioteca Nueva, 2017.

YÁGÜEZ, J. Á., Sobre esta edición. **La parrêsia**. In: YÁGÜEZ, J. Á. (org.) (trad.). **La parrêsia**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2017, p. 93-96.

FRUCHAUD, H.-P.; BERT, J.-F. Un inédit de Michel Foucault: "la parrêsia": note de présentation. **Anabases: Traditions et Réceptions de l'Antiqué**, v. 16, 2012, p. 149-156. Disponível em: <https://journals.openedition.org/anabases/3956>. Acesso em: 22 abr. 2021.